

Relações intergeracionais e promoção do cuidado às pessoas idosas nos territórios

 <https://doi.org/10.47236/2594-7036.2026.v10.2331>

Lucimar Moreira Simões¹
Rachel Vainzoff Katz²
Rosamaria Rodrigues Garcia³

Data de submissão concluída: 7/7/2026. Data de aprovação: 8/9/2026. Data de publicação: 2/10/2026.

Resumo – O envelhecimento populacional impõe a necessidade de modelos de cuidado que superem o paradigma biomédico e incorporem dimensões sociais, educacionais e relacionais. Este estudo teve como objetivo analisar como as relações intergeracionais se configuram na promoção do cuidado à pessoa idosa no território. Trata-se de estudo exploratório, de abordagem qualitativa e natureza descritiva. Foi desenvolvido a partir da sistematização de nove relatos de experiências, coletados entre outubro de 2025 e maio de 2026 por meio de chamamento público nas redes sociais. Os dados foram organizados e interpretados segundo abordagem temática. A interpretação articulou os relatos à literatura sobre envelhecimento, intergeracionalidade e permanência da pessoa idosa em seu território, perspectiva conhecida como aging in place. As experiências, desenvolvidas nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul, foram agrupadas em três eixos: educação, diálogo e aprendizagem entre gerações; convivência, protagonismo e participação social; e cuidado, redes de apoio e formação para o envelhecimento digno. Os resultados evidenciaram que essas relações favorecem o diálogo, a reciprocidade, a valorização das histórias de vida, a participação social e o enfrentamento do idadismo. Conclui-se que a intergeracionalidade adquire maior relevância quando ultrapassa a presença simultânea de pessoas de diferentes idades. Ela se concretiza em oportunidades de aprendizagem compartilhada, participação e reconhecimento das pessoas idosas como sujeitos de direitos, contribuindo para um envelhecimento mais digno no território.

Palavras-chave: Envelhecimento no território. Cuidado. Intergeracionalidade. Participação social. Política Pública.

Intergenerational relationships and the promotion of care for older people in their territories

¹ Mestranda do Programa de Mestrado Profissional Inovação no Ensino Superior em Saúde da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Coordenadora Administrativa e Financeira na Clínica de Fisioterapia da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil.  lucimar.simoes@online.uscs.edu.br  <https://orcid.org/0009-0004-8560-7510>  <http://lattes.cnpq.br/7829354210874804>.

² Mestranda do Programa de Mestrado Profissional Inovação no Ensino Superior em Saúde da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Superintendente da Assistência Social na União Brasileiro Israelita do Bem-Estar Social. São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil.  rachel.katz@uscsonline.com.br  <https://orcid.org/0009-0005-3757-5005>  <http://lattes.cnpq.br/7674670820124699>.

³ Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Professora e Gestora do Programa de Mestrado Profissional Inovação no Ensino Superior em Saúde da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil.  rosamaria.garcia@online.uscs.edu.br  <https://orcid.org/0000-0001-9454-6810>  <http://lattes.cnpq.br/8261597873528007>.

Abstract – Population aging imposes the need for care models that move beyond the biomedical paradigm and incorporate social, educational, and relational dimensions. This study aimed to analyze how intergenerational relationships are configured in the promotion of care for older people in their territory. It is an exploratory study, with a qualitative approach and a descriptive nature. It was developed through the systematization of nine experience reports, collected between October 2025 and May 2026 through a public call on social media. The data were organized and interpreted through a thematic approach. The interpretation linked the reports to the literature on aging, intergenerationality, and the permanence of older people in their territory, a perspective known as aging in place. The experiences, carried out in the states of Minas Gerais, São Paulo, and Rio Grande do Sul, were grouped into three axes: education, dialogue, and learning between generations; coexistence, protagonism, and social participation; and care, support networks, and training for dignified aging. The results showed that these relationships foster dialogue, reciprocity, the appreciation of life histories, social participation, and the confrontation of ageism. It is concluded that intergenerationality acquires greater relevance when it goes beyond the simultaneous presence of people of different ages. It takes shape in opportunities for shared learning, participation, and the recognition of older people as subjects of rights, contributing to more dignified aging in the territory.

Keywords: Aging in place. Care. Intergenerationality. Public policy. Social participation.

Relaciones intergeneracionales y la promoción del cuidado a las personas mayores en sus territorios

Resumen – El envejecimiento poblacional impone la necesidad de modelos de cuidado que superen el paradigma biomédico e incorporen dimensiones sociales, educativas y relacionales. Este estudio tuvo como objetivo analizar cómo las relaciones intergeneracionales se configuran en la promoción del cuidado a la persona mayor en el territorio. Se trata de un estudio exploratorio, de enfoque cualitativo y naturaleza descriptiva. Fue desarrollado a partir de la sistematización de nueve relatos de experiencias, recolectados entre octubre de 2025 y mayo de 2026 mediante una convocatoria pública en las redes sociales. Los datos fueron organizados e interpretados según un enfoque temático. La interpretación articuló los relatos con la literatura sobre envejecimiento, intergeneracionalidad y permanencia de la persona mayor en su territorio, perspectiva conocida como aging in place. Las experiencias, desarrolladas en los estados de Minas Gerais, São Paulo y Rio Grande do Sul, fueron agrupadas en tres ejes: educación, diálogo y aprendizaje entre generaciones; convivencia, protagonismo y participación social; y cuidado, redes de apoyo y formación para el envejecimiento digno. Los resultados evidenciaron que estas relaciones favorecen el diálogo, la reciprocidad, la valoración de las historias de vida, la participación social y el enfrentamiento del edadismo. Se concluye que la intergeneracionalidad adquiere mayor relevancia cuando supera la presencia simultánea de personas de diferentes edades. Se concreta en oportunidades de aprendizaje compartido, participación y reconocimiento de las personas mayores como sujetos de derechos, contribuyendo a un envejecimiento más digno en el territorio.

Palabras clave: Cuidado. Envejecer en el propio hogar. Intergeneracionalidad. Participación social. Política Pública.

Introdução

O envelhecimento da população constitui um fenômeno mundial, decorrente do aumento da expectativa de vida e da redução das taxas de natalidade, processo que traz desafios significativos para os sistemas de saúde e para a organização social em diferentes contextos. Esse cenário impõe a necessidade de reorientação dos modelos assistenciais historicamente centrados na doença, demandando abordagens que superem o paradigma biomédico e incorporem dimensões sociais, educacionais e relacionais do cuidado (Centro Internacional de Longevidade Brasil, 2015). No Brasil, a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa reconhece a manutenção da autonomia e da independência como eixos centrais da atenção à saúde nessa etapa da vida (Brasil, 2006).

A partir dessa compreensão, a Organização Mundial da Saúde enfatiza a importância de estratégias integradas que promovam qualidade de vida, participação social e capacidade de escolha, reconhecendo o envelhecimento como um processo contínuo, influenciado por fatores acumulados em diferentes fases da existência (WHO, 2023; Savino et al., 2026).

A intergeracionalidade pode ser compreendida como um processo dinâmico e bidirecional de aprendizagem ao longo da vida, no qual diferentes gerações trocam saberes, valores e práticas sociais, influenciando a forma como os indivíduos constroem suas trajetórias de cuidado e envelhecimento. Essa perspectiva evidencia que a aprendizagem não ocorre de forma linear, mas se estabelece a partir de um fluxo contínuo de interações entre gerações, cujos efeitos se estendem ao longo de toda a vida (Trujillo-Torres et al., 2023).

As relações intergeracionais assumem papel relevante na construção social do cuidado, ao favorecerem a transmissão, a ressignificação e a incorporação de valores, comportamentos e práticas relacionadas à saúde. O cuidado constitui uma prática social construída ao longo do curso da vida e mediada pelas interações sociais (Trujillo-Torres et al., 2023; Silverstein; Fingerman; Sutor, 2025).

A interação entre gerações contribui para a construção de percepções mais positivas sobre a velhice, além de favorecer vínculos sociais e processos educativos significativos, ampliando a compreensão acerca das necessidades e potencialidades das pessoas idosas (Trujillo-Torres et al., 2023; Tsiloni et al., 2024). Tais relações também se configuram como um processo bidirecional de transmissão de saberes, envolvendo influências mútuas, em que jovens podem atuar como agentes na promoção de comportamentos de saúde entre pessoas idosas, especialmente em contextos de troca de informações e uso de tecnologias (Xia et al., 2025).

No âmbito familiar e comunitário, as interações entre gerações podem ser compreendidas como dimensões relevantes na produção social da saúde, influenciando aspectos físicos, emocionais e sociais do envelhecimento. A qualidade dessas interações está associada à melhoria do bem-estar, à redução do isolamento social e ao fortalecimento das redes de apoio, fatores fundamentais para a qualidade de vida na velhice (Ho et al., 2023; Sharifi; Babaei Khorzoughi; Rahmati, 2024; Silverstein; Fingerman; Sutor, 2025).

Embora possam envolver conflitos e ambivalências, essas relações permanecem centrais na construção do cuidado e na transmissão de valores (Torabian et al., 2022). Além disso, contribuem para a redução do idadismo, fortalecendo a empatia e a construção de representações mais favoráveis sobre o envelhecimento (WHO, 2023). Interações positivas também podem estar associadas à redução de sintomas depressivos, ao fortalecimento do suporte social e à

manutenção da autonomia funcional (Sharifi; Babaei Khorzoughi; Rahmati, 2024; Silverstein; Fingerman; Sutor, 2025).

Paralelamente, o conceito de aging in place ganha destaque como uma abordagem estratégica para o envelhecimento contemporâneo. A expressão refere-se à possibilidade de a pessoa idosa continuar vivendo em sua própria casa e em sua comunidade, pelo maior tempo possível, com segurança, autonomia, independência e qualidade de vida. Mais do que a permanência física no domicílio, essa perspectiva abrange a manutenção de vínculos sociais, identidade, pertencimento, participação comunitária e o acesso a redes de apoio capazes de sustentar a vida cotidiana no território (Fonseca, 2020). No contexto brasileiro, essa abordagem requer estratégias interdisciplinares e multidimensionais, articuladas a ações comunitárias, familiares, sociais e de saúde, capazes de favorecer a mobilidade, segurança, suporte social e bem-estar das pessoas idosas (Oliveira; Oliveira; Perez, 2024).

A articulação entre intergeracionalidade e aging in place contribui para compreender como vínculos, redes de apoio e participação social favorecem a continuidade da vida da pessoa idosa em seu território, reduzindo o isolamento social, fortalecendo o cuidado informal e ampliando possibilidades de participação. Programas intergeracionais estruturados têm sido associados a contribuições relevantes, incluindo melhora da saúde mental, aumento do engajamento social e fortalecimento da coesão comunitária (Sánchez-Cazalla; Gutiérrez-Domingo, 2025; Savino et al., 2026).

Apesar desses avanços, ainda há lacunas na sistematização de práticas concretas que articulam território, cuidado e intergeracionalidade. Diante dessa lacuna, este estudo tem como objetivo analisar, a partir de uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, como as relações intergeracionais se configuram na promoção do cuidado à pessoa idosa no território, com base na sistematização de relatos de experiências.

Materiais e métodos

Trata-se de um estudo exploratório, de abordagem qualitativa e natureza descritiva, desenvolvido a partir da sistematização de relatos de experiências que promovem o envelhecimento no território, coletados no período de outubro de 2025 a maio de 2026, a partir de um chamamento público. Para tanto, foi elaborado um vídeo com os objetivos da proposta e publicações nas redes sociais, bem como sugestões de submissão de experiências exitosas e orientações técnicas para o envio do relato.

Os relatos foram depositados em um formulário virtual, contendo orientações estruturadas, critérios de elegibilidade e diretrizes ético-metodológicas, incluindo o consentimento livre e esclarecido no formulário de submissão de relatos. Além de inserir o arquivo do relato, os autores informaram no formulário o nome do projeto; o serviço, a comunidade, a instituição, o órgão público ou a rede responsável pela experiência; e o nome e a localização do espaço em que ela foi desenvolvida. O template continha os tópicos introdução, objetivos, metodologia ou estratégias utilizadas, resultados e discussão e considerações finais. Após a submissão do arquivo no formulário, os dados foram baixados e armazenados em ambiente digital de acesso restrito à equipe de pesquisa.

Os relatos recebidos por meio do chamamento público foram submetidos a uma triagem, segundo o critério de elegibilidade central do estudo: apresentar experiências que evidenciam relações intergeracionais no cuidado à pessoa idosa no território. Relatos que não contemplavam essa dimensão não foram incluídos. Aplicado esse critério, constituiu-se o corpus final de nove relatos analisados. A diversidade de

contextos identificada no conjunto abrangeu iniciativas comunitárias, ações educativas, extensão universitária, cuidado domiciliar e intervenções em instituições de longa permanência. Essa diversidade emergiu no interior do corpus e não constituiu critério adicional de seleção.

A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo, na modalidade temático-categorial proposta por Bardin (2011), organizada em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, envolvendo leitura flutuante dos relatos, identificação de unidades de sentido, agrupamento por similaridade temática e construção de categorias analíticas.

Após a leitura integral dos nove relatos, procedeu-se à organização do material a partir de eixos analíticos construídos em coerência com o objetivo da pesquisa. A análise buscou identificar de que forma as relações intergeracionais se configuraram nas experiências relatadas e como se articulavam à promoção do cuidado à pessoa idosa no território.

A interpretação dos achados foi realizada à luz das referências teóricas, buscando articular os relatos de experiência com a literatura científica sobre envelhecimento, intergeracionalidade, educação em saúde, envelhecimento ativo, redes de cuidado e aging in place. Esse movimento possibilitou a construção de uma análise crítica e contextualizada, assegurando coerência entre o objetivo do estudo, o corpus analisado e os eixos de discussão.

O presente estudo baseou-se na sistematização de relatos de experiências institucionais, encaminhados voluntariamente por seus responsáveis no âmbito de um chamamento público para divulgação de boas práticas em envelhecimento, sem coleta direta de dados de participantes nem informações que permitam a identificação de indivíduos. Por essa razão, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Ainda assim, buscou-se preservar a confidencialidade e o anonimato das pessoas e das instituições envolvidas, em conformidade com os princípios éticos aplicáveis às pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

Resultados e discussões

A coleta de dados dos relatos de experiência ocorreu entre outubro de 2025 e maio de 2026. Posteriormente, no processo de revisão e finalização do manuscrito, procedeu-se à conferência das referências bibliográficas, havendo novas datas de acesso às referências, o que justifica a presença de fontes e datas de acesso posteriores ao período de coleta dos dados primários.

As experiências contemplaram distintos contextos de cuidado, abrangendo iniciativas comunitárias, ações educativas intergeracionais, ações de promoção da saúde e de extensão universitária, práticas de cuidado domiciliar, intervenções em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) e ações territoriais voltadas à promoção do envelhecimento ativo. Tal diversidade possibilitou uma compreensão ampliada das múltiplas dimensões do cuidado no envelhecimento, com ênfase nas relações intergeracionais e na perspectiva de permanência da pessoa idosa em seu território.

No período de coleta, foram recebidos 23 relatos por meio do formulário amplamente disponibilizado. Foram excluídos 16 relatos em virtude de não abordarem a temática da intergeracionalidade, apesar de tratarem da temática de envelhecimento no território (aging place), sendo analisados neste artigo 9 relatos.

Dentre os 16 relatos excluídos estão estudos sobre o perfil epidemiológico da população idosa, caracterização de idosos com deficiência, feiras de saúde, aspectos

da espiritualidade, psicomotricidade e aspectos de biossegurança na Atenção Domiciliar.

Ao final, foram analisados nove relatos de experiência, produzidos por participantes diretamente envolvidos em práticas relacionadas ao cuidado à pessoa idosa, incluindo profissionais da saúde, educadores, estudantes, cuidadores e representantes de projetos sociais e comunitários.

Para fins de organização e análise, os relatos foram identificados sequencialmente como Relato 1 a Relato 9, preservando-se sua singularidade, seus diferentes contextos de produção e o anonimato dos participantes e das instituições envolvidas.

As experiências foram desenvolvidas nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul, coordenadas por associações, universidades, organizações da sociedade civil e outras instituições envolvidas com ações voltadas ao envelhecimento e à intergeracionalidade. A leitura integral dos relatos permitiu identificar diferentes formas pelas quais as relações entre gerações se manifestam nas práticas descritas, considerando os objetivos das iniciativas, os públicos envolvidos, os espaços de realização e as estratégias utilizadas.

A partir dessa análise, os relatos foram organizados em três eixos complementares: Educação, diálogo e aprendizagem entre gerações; Convivência, protagonismo e participação social nas relações intergeracionais; e Cuidado intergeracional, redes de apoio e formação para o envelhecimento digno. Embora algumas experiências apresentem características relacionadas a mais de um eixo, a classificação considerou a dimensão predominante em cada relato. Os eixos, portanto, não devem ser compreendidos como categorias rígidas ou excludentes, mas como recursos analíticos que nos permitem observar diferentes modos de aprender, conviver, participar, cuidar e construir vínculos entre gerações.

Para melhor compreensão das experiências analisadas, apresenta-se o Quadro 1, que sintetiza as principais características dos relatos incluídos no estudo, considerando o tipo de experiência, o contexto em que se desenvolveram, o eixo analítico principal e os eixos secundários identificados.

Quadro 1 – Caracterização dos relatos de experiência segundo contexto e eixos analíticos

EIXO TRANSVERSAL, QUE PERMEIA TODOS OS OUTROS EIXOS: AGING IN PLACE		
EIXO PRINCIPAL 1: Educação, diálogo e aprendizagem entre gerações		
Relato	Tipo de experiência e contexto	Eixos secundários
1	Projeto de educação gerontológica em escolas, que aproxima estudantes da educação básica e pessoas idosas. Por meio de contação de histórias, árvores genealógicas, rodas de conversa e palestras sobre envelhecimento, idadismo e cuidado, os estudantes produziram materiais informativos e um livro de receitas com as avós. A ação incluiu ainda avaliação da saúde das pessoas idosas, formação de cuidadoras e almoço de integração com as famílias, em parceria com diferentes secretarias municipais e estaduais.	Educação gerontológica; aprendizagem intergeracional; vínculos familiares; transmissão de saberes; corresponsabilidade social pelo cuidado; pertencimento comunitário; enfrentamento do idadismo.
2	Ação intergeracional de promoção da saúde realizada em uma Universidade Aberta da Terceira Idade. Estudantes e docentes dos cursos de Fisioterapia, Nutrição, Medicina e Pedagogia organizaram, em formato de feira acadêmica, estandes temáticos, oficinas práticas e rodas	Aprendizagem intergeracional bidirecional; Educação em saúde; extensão universitária;

	de conversa sobre prevenção de agravos, saúde mental, autocuidado e qualidade de vida. A atividade aproximou estudantes e pessoas idosas em uma troca na qual ambos ensinaram e aprenderam.	ensino-serviço; formação humanizada de estudantes; convivência; protagonismo; participação social; redes de apoio.
3	Programa universitário de alfabetização e letramento com pessoas idosas, baseado nos Círculos de Cultura de Paulo Freire. Por meio de imagens, músicas, rodas de conversa e palavras geradoras, pessoas idosas, bolsistas e voluntários discutem racismo, desigualdade, direitos e cidadania ao longo de cinco encontros. A proposta valoriza as experiências de vida e promove a inclusão educacional e social no território universitário.	Aprendizagem dialógica; educação popular; educação ao longo da vida; participação social; inclusão educacional; formação de estudantes; combate ao racismo; envelhecimento digno.
EIXO PRINCIPAL 2: Convivência, protagonismo e participação social nas relações intergeracionais		
Relato	Tipo de experiência e contexto	Eixos secundários
4	Centro de convivência que oferece, de forma continuada, atividades físicas, manuais, artísticas e cognitivas a pessoas idosas, além de eventos que reúnem famílias, escolas e comunidade. Busca fortalecer vínculos, combater o idadismo e promover o protagonismo e a autonomia da pessoa idosa no território.	Convivência intergeracional; fortalecimento de vínculos; participação social; protagonismo; autonomia; pertencimento comunitário; combate ao idadismo.
5	Projeto de extensão universitária que leva pessoas idosas institucionalizadas para passear pela cidade em triciclos adaptados, conduzidos por estudantes, docentes e voluntários. Promove a convivência entre gerações, mobilidade assistida, acesso ao lazer e direito à cidade. Instituições de longa permanência e espaços públicos urbanos.	Convivência intergeracional; extensão universitária; formação em saúde; mobilidade assistida; direito à cidade; pertencimento; participação comunitária; combate ao idadismo.
6	Evento gratuito anual de grande alcance, aberto ao público de todas as idades, que ocupa espaços públicos e privados da cidade com atividades culturais, físicas, educativas e de promoção da saúde protagonizadas por pessoas idosas. Dá visibilidade à velhice, combate o idadismo e aproxima diferentes gerações.	Convivência entre gerações; participação social; protagonismo; visibilidade pública da velhice; cidadania; ocupação da cidade; redes de apoio; combate ao idadismo.
EIXO PRINCIPAL 3: Cuidado intergeracional, redes de apoio e formação para o envelhecimento digno.		
Relato	Tipo de experiência e contexto	Eixos secundários
7	Capacitação de cuidadores nascida da experiência pessoal de cuidar de um familiar idoso com doença incapacitante. A vivência foi transformada em cursos gratuitos e presenciais que ensinam familiares e cuidadores a lidar com situações cotidianas do cuidado e, depois, com demandas específicas da doença de Alzheimer.	Cuidado intergeracional; educação em saúde; capacitação de cuidadores; suporte às famílias; cuidado domiciliar; cuidado de longa duração; redes de apoio.
8	Reabilitação e cuidado em um espaço público sob um viaduto, antes abandonado e transformado em local de atendimento e convivência. Reúne pessoas idosas,	Ensino-serviço-comunidade; formação intergeracional; reabilitação no território;

	lideranças comunitárias, profissionais da rede pública de saúde, docentes e estudantes, com atendimentos no território, visitas domiciliares e orientação a cuidadores.	visitas domiciliares; suporte a cuidadores; acesso ao cuidado; redes comunitárias.
9	Intervenção em grupo realizada em uma instituição de longa permanência, conduzida por estagiários de Psicologia junto a pessoas idosas residentes. Jogos, música, pintura, fotografias e memórias da culinária foram usados para estimular a cognição, a expressão emocional e a socialização, fortalecendo os vínculos entre estudantes e pessoas idosas.	Formação intergeracional; estimulação cognitiva; socialização; expressão emocional; vínculos entre pessoas idosas e estudantes; inclusão; bem-estar.

Fonte: Dados de pesquisa (2026)

No eixo principal 1, nomeado educação, diálogo e aprendizagem entre gerações, foram enquadrados os relatos 1, 2 e 3. O relato 1, desenvolvido em um município de pequeno porte do Rio Grande do Sul, indica o potencial da escola como espaço de educação gerontológica e de aproximação entre gerações. Ao envolver histórias familiares, memórias e saberes das pessoas idosas, a prática amplia a compreensão sobre o envelhecimento e estimula a reflexão sobre estereótipos que associam a velhice apenas a perdas e dependência.

Essa proposta guarda relação com experiências reunidas na revisão sistemática de Trujillo-Torres et al. (2023). No leste de Londres, no Reino Unido, crianças e avós participaram de atividades compartilhadas que incentivaram a colaboração em tarefas conjuntas. Em ambos os casos, as relações familiares aparecem como espaços de ensino, aprendizagem e compartilhamento entre gerações.

Na mesma revisão, os autores descrevem uma iniciativa realizada na China, durante a pandemia de Covid-19, que reuniu avós e netos em atividades voltadas à prevenção de doenças, à promoção de hábitos saudáveis e à alfabetização informacional. Embora os conteúdos trabalhados sejam distintos, a lógica se aproxima daquela observada no relato 1: a aprendizagem pode circular em diferentes direções, pois os mais jovens compartilham informações atualizadas, enquanto as pessoas mais velhas contribuem com experiências, saberes e memórias construídas ao longo da vida.

Outro ponto relevante do relato 1 é a circulação das informações para além do espaço escolar. Trujillo-Torres et al. (2023) mencionam um programa desenvolvido na Áustria, no qual estudantes compartilharam com seus familiares conhecimentos adquiridos em atividades educativas, estimulando o diálogo no ambiente doméstico. Essa dinâmica pode ser aprofundada a partir do estudo de Xia et al. (2025), que analisou a influência intergeracional reversa e identificou mecanismos como compartilhamento de informações, comunicação familiar e exemplo cotidiano. Dessa forma, crianças e jovens não apenas recebem orientações, mas também podem atuar como agentes multiplicadores, promovendo reflexões sobre envelhecimento, cuidado e direitos das pessoas idosas.

No relato 2, realizado no estado de São Paulo, a aprendizagem intergeracional aparece associada à educação em saúde e à aproximação entre estudantes universitários e pessoas idosas. A prática revela que ações extensionistas podem ultrapassar a transmissão unilateral de informações quando abrem espaço para o diálogo, a escuta e a troca de saberes construídos em diferentes etapas da vida.

Nesse relato, a bidirecionalidade da aprendizagem se destaca de forma clara. Os estudantes contribuem com conhecimentos técnicos e científicos traduzidos em

linguagem acessível, enquanto as pessoas idosas compartilham histórias, dúvidas, estratégias de enfrentamento e percepções sobre o envelhecimento. Com isso, as pessoas idosas ampliam o acesso a informações úteis ao cotidiano, ao mesmo tempo que os estudantes desenvolvem uma compreensão mais ampla e humanizada sobre o processo de envelhecer.

Um exemplo com pontos em comum é o programa VintAGEING 65+ felizes, desenvolvido na cidade do Porto, em Portugal, e apresentado por Fonseca (2018, p. 41). A iniciativa foi direcionada a pessoas com mais de 65 anos que viviam em suas próprias casas e mantinham autonomia, mas apresentavam interação social limitada. O programa incluía avaliação individual, exercícios físicos, fisioterapia, sessões educativas e atividades de socialização intergeracional. Cada participante contava com um estudante voluntário como parceiro de apoio. O ponto comum com o relato 2 está na articulação entre educação em saúde, autonomia e participação estudantil, embora a prática portuguesa tenha ocorrido de forma longitudinal e a ação brasileira tenha assumido o formato de um circuito educativo de curta duração.

Outro exemplo pertinente é o Programa Sol Poente, desenvolvido em Oliveira do Bairro, Portugal, e descrito por Fonseca (2018, p. 93). Estruturado em sessões realizadas em centros de dia, universidade sênior e espaços comunitários, o programa aborda prevenção de quedas, saúde mental, autoestima, isolamento social, alimentação, atividade física, segurança e envolvimento intergeracional. A comparação com o relato 2 reforça que a educação em saúde pode incorporar não apenas o controle de doenças, mas também dimensões relacionadas ao bem-estar, à autonomia e à participação social.

Para além dos conhecimentos relacionados ao autocuidado, o relato 2 apresenta um potencial formativo importante para futuros profissionais. O contato com diferentes trajetórias de vida amplia a compreensão dos estudantes sobre o envelhecimento e favorece aprendizagens que ultrapassam a formação teórica (Trujillo-Torres et al., 2023). Essa experiência também contribui para uma formação mais sensível às necessidades das pessoas idosas, valorizando a comunicação, o respeito, a empatia e a construção de relações de confiança (Liao et al., 2023). A universidade, portanto, deixa de ser apenas um espaço de transmissão de conhecimentos e passa a funcionar também como lugar de encontro entre gerações, no qual ensinar e aprender podem ocorrer simultaneamente.

Uma prática descrita por Trujillo-Torres et al. (2023), desenvolvida nos Estados Unidos, ajuda a compreender essa relação entre convivência intergeracional e formação profissional. A iniciativa envolveu estudantes da área da saúde e pessoas idosas residentes na comunidade, utilizando histórias de vida como recurso de aproximação. Essa estratégia esteve associada a percepções mais positivas dos estudantes sobre o envelhecimento e ao maior interesse de alguns participantes em atuar profissionalmente com pessoas idosas. Ao aproximar os estudantes de experiências, percepções e saberes construídos ao longo da vida, a prática reforça o potencial formativo das relações intergeracionais.

O estudo de Cheng et al. (2025), realizado em Singapura, também contribui para essa análise. Os autores identificaram percepções mais positivas sobre os jovens entre pessoas idosas que haviam participado de programas intergeracionais. Entretanto, observaram que o simples contato entre diferentes gerações não garante a formação de vínculos significativos e duradouros. A qualidade das interações depende de fatores como reciprocidade, interesses compartilhados, motivações pessoais e oportunidades de convivência continuada.

Essa observação convida a interpretar o relato 2 com cautela. Apesar dessa ressalva, a ação favoreceu o acolhimento, a aproximação, o diálogo e a aprendizagem mútua, criando condições iniciais para o estabelecimento de vínculos entre os participantes. O caráter pontual do circuito indica que esses vínculos podem ser fortalecidos por novas oportunidades de interação ao longo do tempo.

O relato 3 é um programa de alfabetização para pessoas idosas, contemplando metodologias ativas de ensino-aprendizagem, desenvolvido em Minas Gerais. Trata-se de uma proposta de educação ao longo da vida, alinhada ao reconhecimento da participação social como dimensão importante para o envelhecimento saudável (WHO, 2023). Baseada nos Círculos de Cultura, a proposta articula alfabetização e letramento à reflexão crítica sobre a realidade social, ampliando as possibilidades de expressão e participação das pessoas idosas (Freire, 2005). Mais do que dominar a leitura e a escrita, aprender significa, nesse contexto, valorizar as experiências acumuladas ao longo da vida e reconhecer a pessoa idosa como sujeito capaz de interpretar a realidade e nela intervir (Freire, 2019).

Essa lógica dialógica aproxima-se da noção de participação discutida por Wang et al. (2024), em que participar significa estar presente em uma atividade previamente organizada, envolvendo escuta, colaboração e possibilidade real de influência sobre o processo.

Uma aproximação parcial pode ser estabelecida com a Universidade Sénior de Odivelas, desenvolvida em Odivelas, Portugal, apresentada por Fonseca (2018, p. 74). A iniciativa oferece cursos, rodas de conversa, palestras, congressos e visitas culturais voltados à formação científica, pessoal e social das pessoas idosas. Embora não se trate de uma experiência de alfabetização ou de educação popular, como ocorre em Minas Gerais, ambas reafirmam o direito das pessoas idosas de ocupar espaços educativos e ampliar suas possibilidades de participação social.

O diferencial do relato 3 está na articulação entre educação popular, inclusão educacional, participação social e enfrentamento do racismo. A pessoa idosa frequenta um espaço educativo, ocupa o território universitário como sujeito capaz de interpretar a realidade, compartilha experiências e produz conhecimentos.

Apesar dos contextos distintos, os relatos 1, 2 e 3 caminham em uma mesma direção. Na escola do relato 1, o envelhecimento torna-se objeto de reflexão e as histórias familiares ganham valor. No relato 2, estudantes universitários e pessoas idosas trocam informações, saberes e vivências em uma ação de promoção da saúde fundamentada no diálogo. No relato 3, as pessoas idosas ocupam um espaço ao mesmo tempo educativo e político, onde exercem o direito de aprender, expressar experiências e produzir conhecimentos.

Esses achados corroboram Tsiloni et al. (2024), que identificaram efeitos psicossociais potencialmente favoráveis da aprendizagem intergeracional para crianças e pessoas idosas. Savino et al. (2026) relacionam intervenções intergeracionais à inclusão social, à coesão comunitária e à redução de estereótipos associados à idade. Sánchez-Cazalla e Gutiérrez-Domingo (2025) também apontam contribuições para o envelhecimento ativo, especialmente em aspectos relacionados ao bem-estar e à participação social. Contudo, recomendam cautela na interpretação dos resultados, pois parte dos estudos analisados apresenta limitações metodológicas, como amostras reduzidas, intervenções de curta duração e ausência de acompanhamento em médio e longo prazo.

Entre as contribuições apontadas pela literatura, destaca-se o enfrentamento do idadismo como dimensão transversal às experiências analisadas. No âmbito da Década do Envelhecimento Saudável, a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2023)

reconhece a necessidade de transformar a maneira como se pensa, se sente e se age em relação à idade e ao envelhecimento. Os relatos dialogam com essa prioridade ao apresentarem pessoas idosas reconhecidas por sua capacidade de aprender, ensinar, participar e contribuir para a vida coletiva, e não apenas a partir de possíveis fragilidades.

Sob a perspectiva do aging in place, discutida por Fonseca (2020) e por Oliveira, Oliveira e Perez (2024), essas práticas também valorizam a permanência das pessoas idosas em seus territórios, com vínculos e papéis socialmente significativos. Nesse eixo, contudo, destaca-se sobretudo a aprendizagem intergeracional: diferentes grupos podem ensinar e aprender conjuntamente, fortalecendo a participação social.

No eixo principal 2, nomeado convivência, protagonismo e participação social nas relações intergeracionais, foram enquadrados os relatos 4, 5 e 6. O relato 4 sugere que a convivência pode constituir uma estratégia de valorização da pessoa idosa quando ultrapassa a oferta pontual de atividades e se transforma em oportunidade continuada de participação social. Desenvolvida em um centro de convivência situado no interior paulista, a experiência reúne atividades físicas, manuais, artísticas e cognitivas, além de eventos que aproximam pessoas idosas, famílias, escolas e comunidade. Ao estimular a expressão das histórias de vida, o desenvolvimento de habilidades e a participação em atividades compartilhadas, a proposta cria condições para o encontro entre gerações e para o reconhecimento das pessoas idosas em suas singularidades e potencialidades.

Uma experiência internacional que guarda relação com esse relato é o projeto A Avó Veio Trabalhar, desenvolvido em Lisboa, Portugal, e apresentado por Fonseca (2018, p. 61). A iniciativa reúne mulheres com mais de 60 anos em processos de aprendizagem, partilha e capacitação por meio de trabalhos artesanais tradicionais e do design. As participantes atuam na cocriação de produtos e serviços e compartilham seus conhecimentos em atividades destinadas a diferentes gerações. Embora o formato da prática portuguesa seja distinto daquele apresentado no relato 4, ambas reconhecem a pessoa idosa como participante ativa da vida comunitária.

No centro de convivência brasileiro, a valorização das trajetórias pessoais ocorre por meio de atividades e eventos integrados ao território. No projeto português, conhecimentos e habilidades tradicionais são atualizados em processos criativos capazes de aproximar gerações e produzir valor para a comunidade. Em ambos os casos, a convivência favorece a troca de saberes, fortalece o sentimento de pertencimento e contribui para a construção de representações mais plurais sobre a velhice.

Essa leitura se aproxima da perspectiva de aging in place apresentada por Fonseca (2018, p. 10-11; 2020) e por Oliveira, Oliveira e Perez (2024). O conceito envolve não apenas a permanência física da pessoa idosa em sua casa, mas também sua participação na comunidade, com acesso a vínculos significativos e oportunidades de envolvimento social. No relato 4, essa permanência com qualidade é favorecida por um espaço comunitário que fortalece laços e amplia possibilidades de convivência. Assim, o aging in place aparece articulado à intergeracionalidade: permanecer no território envolve também manter-se reconhecido, ativo e participante da vida social.

No relato 5, a interação entre gerações assume uma configuração mais direta. A prática reúne pessoas idosas institucionalizadas, estudantes universitários, docentes e voluntários em passeios realizados com triciclos adaptados e em atividades desenvolvidas em instituições de longa permanência e espaços públicos urbanos de Minas Gerais. A mobilidade assistida, nesse contexto, ultrapassa o deslocamento

físico, pois possibilita acesso ao lazer, à cultura, ao convívio social e ao direito de participar da cidade.

Embora a institucionalização não corresponda ao sentido mais estrito de *aging in place*, o relato 5 se aproxima de princípios relacionados ao pertencimento territorial, à manutenção de vínculos comunitários e ao direito à cidade. Viver em uma instituição não deve significar ruptura com os espaços urbanos, culturais e sociais que compõem a identidade da pessoa idosa. Quando estudantes e voluntários participam desse processo, a inserção comunitária das pessoas idosas e a formação dos envolvidos podem ser fortalecidas.

A convivência nos passeios permite que os estudantes reconheçam histórias, interesses e habilidades das pessoas idosas para além de diagnósticos, limitações funcionais ou condições institucionais. A aprendizagem construída na interação direta favorece o questionamento de visões homogêneas sobre a velhice. Nessa perspectiva, a universidade não atua apenas como instituição formadora, mas também como parceira do território, articulando estudantes, instituições de longa permanência, voluntários e atores locais.

Wang et al. (2024), ao analisarem intervenções comunitárias voltadas ao envelhecimento ativo, destacam a importância de ações planejadas com participação das pessoas idosas, valorização de suas vozes e consideração das especificidades locais. Embora a revisão não descreva uma prática equivalente aos passeios em triciclos adaptados, contribui para compreender a relevância de estratégias que ampliam a participação social e favorecem a construção compartilhada de ações comunitárias.

O relato 6 apresenta uma ação de maior alcance, aberta a pessoas de diferentes idades e realizada em espaços públicos e privados da cidade. A proposta integra atividades culturais, educativas, de lazer e de promoção da saúde, dando visibilidade à pessoa idosa e valorizando seu protagonismo. Em vez de restringir o debate sobre a velhice a espaços especializados, o evento insere o envelhecimento no cotidiano da cidade e convoca diferentes gerações a reconhecerem múltiplas formas de envelhecer.

A presença simultânea de diferentes gerações em um mesmo evento não garante, por si só, a formação de vínculos intergeracionais duradouros, como apontam Cheng et al. (2025). Ainda assim, a ocupação compartilhada da cidade e a visibilidade pública das pessoas idosas favorecem o reconhecimento social, o diálogo e a contestação de estereótipos. O relato 6 questiona representações que associam a velhice apenas à dependência, à perda ou ao recolhimento, ao promover apresentações culturais, atividades esportivas, ações educativas e momentos de convivência protagonizados por pessoas idosas.

O reconhecimento da diversidade das experiências de envelhecimento também pode ser compreendido como uma forma de educação social. O público recebe informações sobre o tema, presencia diferentes maneiras de viver, criar, aprender e contribuir ao longo da vida. Assim, a intergeracionalidade aparece menos como uma relação previamente estruturada e mais como uma possibilidade de reconhecimento mútuo produzida pela presença compartilhada nos espaços urbanos.

Embora não tenha sido identificada, entre as fontes analisadas, uma iniciativa com formato equivalente ao relato 6, Fonseca (2020) e Wang et al. (2024) oferecem elementos para compreender sua relevância, ao enfatizarem a participação comunitária, a mobilização de recursos locais e o reconhecimento das pessoas idosas como integrantes valorizados da comunidade.

Os relatos 4, 5 e 6 mostram que a intergeracionalidade se manifesta por meio da convivência, da troca de saberes e da participação social. A intensidade do contato intergeracional varia entre as experiências: em algumas, ele ocorre de maneira direta e continuada; em outras, aparece como possibilidade aberta por atividades comunitárias, culturais ou educativas. Essa variação não reduz a importância dos relatos, mas indica a necessidade de interpretar suas contribuições com cautela.

No relato 4, o centro de convivência cria oportunidades de encontros regulares entre pessoas idosas, famílias, escolas e comunidade. No relato 5, a interação entre pessoas idosas institucionalizadas, estudantes e voluntários articula mobilidade assistida, direito à cidade e aprendizagem mútua. No relato 6, a ocupação pública dos espaços amplia a visibilidade social da velhice e cria possibilidades de reconhecimento entre gerações. Nessa perspectiva, a autonomia deve ser compreendida não apenas como capacidade individual de realizar atividades sem ajuda, mas também como liberdade de escolha, expressão e participação nas relações sociais.

O pertencimento comunitário se fortalece quando as pessoas idosas encontram espaços nos quais suas histórias, conhecimentos e habilidades são reconhecidos por diferentes gerações. Nesse sentido, o *aging in place* atua como referencial complementar para compreender como vínculos, participação comunitária e relações intergeracionais ajudam a sustentar a vida social das pessoas idosas nos territórios onde vivem.

O terceiro eixo principal é cuidado intergeracional, redes de apoio e formação para o envelhecimento digno, contendo os relatos 7, 8 e 9. O relato 7 mostra como uma experiência familiar de cuidado, iniciada diante do adoecimento incapacitante de uma pessoa idosa, pode ultrapassar o âmbito privado e transformar-se em ação educativa voltada à comunidade. A intergeracionalidade aparece na reconfiguração das relações familiares, quando responsabilidades, saberes e práticas de cuidado passam a circular entre diferentes membros da família. Os conhecimentos construídos no cotidiano são posteriormente compartilhados em cursos gratuitos para familiares e cuidadores, com orientações aplicáveis a situações comuns do cuidado e, mais tarde, a demandas específicas da doença de Alzheimer.

Em Águeda, Portugal, o Gabinete de Ensinos oferece orientações gratuitas a pessoas com algum nível de dependência e a cuidadores informais, abordando cuidados domiciliares frequentes, como prevenção de lesões por pressão, posicionamento, transferências e cuidados de higiene (Fonseca, 2018, p. 27). Em ambos os casos, valoriza-se a produção de conteúdos práticos e acessíveis ao cotidiano. A capacitação torna-se uma resposta concreta às dúvidas vividas pelas famílias, afastando-se de um treinamento exclusivamente teórico ou técnico. A informação ganha sentido porque ajuda o cuidador a organizar condutas, reduzir inseguranças e qualificar as relações de cuidado.

Na Região Norte de Portugal, o projeto CuiDem: Cuidados para a Demência amplia essa discussão. A proposta articulou cuidadores informais, profissionais de saúde, autarquias, universidades e instituições sociais por meio de ações formativas, grupos de apoio mútuo, educação em saúde e campanhas de sensibilização sobre transtornos neurocognitivos (Fonseca, 2018, p. 25). Essa experiência ajuda a compreender a ampliação observada no relato 7, quando a vivência familiar deu origem a um curso específico para pessoas que cuidam de familiares com Alzheimer. Em ambos os casos, o conhecimento é utilizado como ferramenta para que o cuidado não permaneça restrito à esfera individual ou familiar, mas se articule a serviços, grupos de apoio e redes comunitárias.

É importante, contudo, evitar uma leitura idealizada das relações familiares. Silverstein, Fingerman e Sutor (2025) indicam que o suporte mútuo entre pais idosos e filhos adultos pode ocorrer antes de formas mais intensivas de cuidado e também como complemento a elas. Torabian et al. (2022), por sua vez, destacam que essas relações podem envolver solidariedade, proximidade, conflito e ambivalência. O relato 7 permite refletir sobre o cuidado de longa duração como um processo que muitas vezes exige reorganização da vida familiar, redistribuição de responsabilidades e acesso contínuo a orientações. A formação de cuidadores não substitui políticas públicas ou serviços estruturados, mas pode reduzir incertezas e ampliar a capacidade das famílias para enfrentar desafios cotidianos.

Vale ressaltar o maior desgaste físico derivado das tarefas manuais, como banho, troca de fralda, transferências, auxílio para necessidades fisiológicas, entre outras que exigem dedicação intensiva ao cuidando, conforme apontado por Ziesemer et al. (2021), em um estudo realizado Curitiba com 50 cuidadores domiciliares de idosos, a maioria do gênero feminino, com baixa remuneração e alta carga horária de trabalho. Os autores reforçam a importância das redes de apoio para reduzir a sobrecarga ao cuidador.

O relato 8 amplia essa discussão ao deslocar o cuidado para o território. A experiência de reabilitação comunitária, desenvolvida sob um viaduto urbano no estado de São Paulo, envolve pessoas idosas, lideranças comunitárias, profissionais da rede pública, docentes e estudantes. Um espaço antes marcado pelo abandono passa a funcionar como local de cuidado, convivência e reabilitação interdisciplinar. Além dos atendimentos realizados no território, a proposta inclui visitas domiciliares, fisioterapia à beira do leito, capacitação de cuidadores e acompanhamento de pessoas idosas com dificuldade de acesso aos serviços convencionais.

Situação semelhante foi descrita por Cassol e Bazoli (2025), que analisaram a influência do desenho urbano nas atividades cotidianas dos moradores e discutiram as percepções, tensão(ões) e apropriações entre o planejamento e território vivo e dinâmico da população de Palmas (TO). Os moradores ressaltam o impacto da precarização da infraestrutura às más condições de saúde. Por outro lado, os espaços informais são apontados como alternativas à ausência de recursos e atuação do poder público.

A presença de estudantes acrescenta uma dimensão intergeracional significativa à experiência. O cuidado territorial torna-se oportunidade de aprendizagem mútua: os estudantes aprofundam a compreensão sobre envelhecimento, vulnerabilidade social e mobilização comunitária, enquanto as necessidades e vivências das pessoas idosas ajudam a orientar as práticas. Desse modo, o território não é apenas o local onde o cuidado acontece, mas também um espaço em que diferentes gerações aprendem a reconhecer saberes, limites e potencialidades umas das outras.

O programa INCOGNUS: Inclusão, Cognição, Saúde, desenvolvido em Vila Velha de Ródão, Portugal, oferece um ponto de comparação relevante. Por meio de uma equipe que se desloca até residências e equipamentos comunitários, a iniciativa promove cuidados preventivos e comunitários à população idosa, incluindo monitoramento de saúde, apoio psicossocial, estimulação cognitiva e capacitação de cuidadores e voluntários (Fonseca, 2018, p. 92). Embora os formatos sejam distintos, ambas as práticas compartilham a decisão de levar o cuidado até onde as pessoas estão. No relato 8, a reabilitação ocorre em um espaço comunitário ressignificado e se prolonga por meio de visitas domiciliares; no INCOGNUS, a equipe circula entre residências e recursos comunitários para identificar e apoiar pessoas em situação de vulnerabilidade física ou social.

O projeto Beyond Silos: Cuidados Integrados ao Domicílio, desenvolvido na cidade da Amadora, Portugal, também ilustra a integração entre diferentes áreas. A proposta articula equipes de saúde e assistência social, além de utilizar tecnologia para monitoramento a distância e capacitação de cuidadores, buscando conciliar as necessidades técnicas identificadas com as expectativas da própria pessoa idosa em relação ao cuidado (Fonseca, 2018, p. 88). O relato 8 aproxima-se dessa lógica ao mostrar que o cuidado precisa ultrapassar os limites dos serviços institucionais convencionais. Enquanto a proposta portuguesa organiza o cuidado domiciliar por meio da integração de serviços e tecnologias, a iniciativa brasileira transforma o território urbano em espaço de cuidado, pertencimento e aprendizagem compartilhada.

Ho et al. (2023) ressaltam que as redes de cuidado podem incluir familiares, amigos, vizinhos, profissionais, serviços e recursos comunitários. Essa compreensão ajuda a interpretar as experiências analisadas, nas quais o cuidado formal não substitui necessariamente as relações informais, mas pode atuar de forma complementar a elas. No relato 8, a articulação entre atores locais, serviços e universidade evidencia a importância de respostas ajustadas ao território e às condições concretas de vida das pessoas idosas.

O relato 9 apresenta uma terceira configuração do cuidado intergeracional. A experiência foi realizada em uma instituição de longa permanência para idosos situada no interior do estado de São Paulo, envolvendo estagiários de Psicologia e residentes em atividades lúdicas, cognitivas, artísticas e socioemocionais. Jogos, música, pintura, fotografias e memórias ligadas à alimentação foram utilizados para estimular a cognição, a expressão emocional e a socialização. A diversidade de condições dos participantes exigiu adaptações às capacidades motoras, sensoriais, cognitivas e emocionais de cada pessoa.

A dimensão intergeracional ultrapassa a simples diferença de idade entre estudantes e pessoas idosas institucionalizadas. Ela se expressa na convivência, na escuta das histórias de vida e na construção de atividades que respeitam as singularidades de cada participante. Enquanto as pessoas idosas são convidadas a compartilhar memórias, sentimentos e experiências, os estudantes ampliam sua compreensão sobre envelhecimento, institucionalização e cuidado centrado na pessoa.

No Centro de Dia S. João de Deus, no Porto, Portugal, pessoas com Alzheimer e outras demências participam de atividades de estimulação sensorial e cognitiva, orientação para a realidade, terapia de reminiscências, expressão plástica e musical, além de ações voltadas à participação dos usuários e ao apoio aos cuidadores (Fonseca, 2018, p. 58). O ponto comum com o relato 9 está no uso de atividades estruturadas para manutenção de habilidades, evocação de memórias e fortalecimento de vínculos. Em ambos os casos, música, artes e lembranças não aparecem apenas como passatempos, mas como recursos de expressão, memória e construção de relações significativas.

Em Trafaria, no município de Almada, Portugal, o Parque de Reminiscências reconfigurou uma área externa com objetos familiares às pessoas idosas, favorecendo a evocação de memórias, a estimulação cognitiva e a participação em atividades com crianças (Fonseca, 2018, p. 59). Há aproximação com o relato 8 na utilização de estímulos relacionados à memória e à identidade como recursos terapêuticos e sociais. No relato brasileiro, imagens, músicas e memórias ligadas à alimentação mobilizam narrativas pessoais e expressão emocional. No Parque de Reminiscências, elementos do espaço físico favorecem lembranças e sensação de familiaridade. A

presença de crianças torna a intergeracionalidade mais explícita na experiência portuguesa, enquanto no relato 9 ela ocorre principalmente entre estudantes e pessoas idosas institucionalizadas.

De acordo com Liao et al. (2023), o cuidado centrado na pessoa depende de comunicação, respeito à autonomia, capacitação e trabalho em equipe multiprofissional. A partir dessa perspectiva, o relato 9 evidencia que a intervenção precisa considerar não apenas diagnósticos e limitações funcionais, mas também habilidades, interesses, histórias de vida e possibilidades de envolvimento de cada residente.

Os relatos 7, 8 e 9 mostram que o cuidado intergeracional pode assumir diferentes formas. No relato 7, ele nasce no interior da família e se amplia por meio da formação de outras pessoas que também cuidam. No relato 8, ganha força a articulação entre comunidade, serviços públicos, universidade e território. No relato 9, concretiza-se em atividades grupais que favorecem cognição, expressão emocional, socialização e aprendizagem entre estudantes e pessoas idosas. Sharifi, Babaei Khorzoughi e Rahmati (2024) indicam que vínculos intergeracionais positivos estão associados a melhores desfechos emocionais para pessoas idosas, embora os efeitos possam variar conforme o tipo e a qualidade do apoio oferecido.

Analisado em conjunto com esses relatos, o aging in place amplia a análise do cuidado intergeracional. Envelhecer com dignidade depende de redes capazes de sustentar o cotidiano, preservar vínculos e garantir acesso a serviços. Para algumas pessoas, isso envolve apoio familiar e capacitação de cuidadores no domicílio. Para outras, exige intervenções comunitárias próximas ao local onde vivem. Em instituições de longa permanência, ainda que não se trate de aging in place em sentido estrito, permanece fundamental preservar vínculos, valorizar identidades e criar oportunidades de participação.

Os relatos organizados neste eixo indicam que o cuidado intergeracional se fortalece quando não é compreendido como responsabilidade isolada de uma pessoa, mas como compromisso coletivo construído nas relações. Famílias, cuidadores, profissionais, estudantes, voluntários, serviços e comunidades podem atuar de forma complementar. A relevância dessas redes não se define pela quantidade de atores envolvidos, mas pela possibilidade de construir vínculos nos quais as pessoas idosas sejam reconhecidas como sujeitos de direitos, participantes das decisões e portadoras de saberes.

Considerações finais

A análise dos nove relatos evidenciou que a intergeracionalidade pode assumir diferentes configurações nos processos de envelhecimento. As experiências analisadas envolveram educação, convivência, participação social, cuidado, redes de apoio e formação de estudantes e profissionais. Em algumas práticas, a interação entre gerações constituiu o núcleo da proposta; em outras, manifestou-se como dimensão associada ou como possibilidade estimulada pela convivência comunitária.

As ações apresentam públicos, contextos, objetivos e níveis de estruturação distintos. Ainda assim, permitem reconhecer princípios comuns, como diálogo, reciprocidade, valorização das histórias de vida, participação social e reconhecimento das pessoas idosas como sujeitos de direitos e portadoras de saberes.

Por se tratar de relatos de experiência, os achados permitem identificar estratégias promissoras e possibilidades de intervenção, mas não permitem avaliar a efetividade das ações nem afirmar que tenham produzido mudanças permanentes nas atitudes, nos vínculos ou nas condições de cuidado. Essa limitação reforça a

necessidade de interpretar as práticas de forma contextualizada e de desenvolver estudos capazes de acompanhar seus efeitos ao longo do tempo.

Além disso, o recrutamento por meio de chamamento público nas redes sociais implica uma amostra autosselecionada, que tende a reunir iniciativas com maior visibilidade, estrutura e disposição para registrar e divulgar suas experiências. Práticas relevantes que não dispõem dessas condições podem não ter sido alcançadas, o que delimita o alcance das interpretações apresentadas.

Outra limitação deste estudo é a possibilidade de um viés de seleção dos relatos, pois em virtude da coleta ocorrer exclusivamente no formato online, pode excluir pessoas ou municípios que apresentam dificuldades tecnológicas. Do mesmo modo, o estudo não teve por objeto o acompanhamento longitudinal da ferramenta e deu o seu desenvolvimento.

O conjunto analisado indica que a intergeracionalidade adquire maior relevância quando ultrapassa a presença simultânea de pessoas de diferentes idades e se concretiza em oportunidades de diálogo, aprendizagem compartilhada, participação social e reconhecimento das singularidades das pessoas idosas. Sob essa lógica, território, autonomia, redes de apoio e aging in place não constituem temas paralelos ou independentes, mas dimensões que ajudam a compreender as condições necessárias para a construção de relações intergeracionais mais significativas e para a promoção de um envelhecimento mais digno.

Novos estudos poderão aprofundar essa análise por meio do acompanhamento das experiências ao longo do tempo e da ampliação da base territorial e regional das práticas examinadas, permitindo compreender seus efeitos sobre os vínculos intergeracionais, a participação social e as práticas de cuidado.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.528, de 19 de outubro de 2006**. Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em:

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html.

Acesso em: 12 maio 2026.

CASSOL, Vanessa; BAZZOLI, João Aparecido. A escala do encontro: o bairro como práxis urbana. **Revista Sítio Novo**, Palmas, v. 9, e1776, 2025. DOI: 10.47236/2594-7036.2025.v9.1776. Disponível em: <https://doi.org/10.47236/2594-7036.2025.v9.1776>. Acesso em: 4 set. 2026.

CENTRO INTERNACIONAL DE LONGEVIDADE BRASIL. **Envelhecimento ativo**: um marco político em resposta à revolução da longevidade. Rio de Janeiro: Centro Internacional de Longevidade Brasil, 2015. Disponível em:

https://prceu.usp.br/usp60/wp-content/uploads/2017/07/Envelhecimento-Ativo-Um-Marco-Politico-ILC-Brasil_web.pdf. Acesso em: 20 maio 2026.

CHENG, Jasmine Yee Ru *et al.* Exploring older adults' perceptions of intergenerational relationships and programs: a qualitative comparative analysis of participants and non-IQP participants. **Frontiers in Public Health**, Lausanne, v. 13, p. e1733311, 2025. DOI: 10.3389/fpubh.2025.1733311. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpubh.2025.1733311>. Acesso em: 25 maio 2026.

FONSECA, António M. (org.). **Boas práticas de ageing in place**: divulgar para valorizar: guia de boas práticas em Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Universidade Católica Portuguesa, 2018. Disponível em: https://cdn.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/2021/05/39Est_Boas_Praticas_Ageing_in_Place.pdf. Acesso em: 12 maio 2026.

FONSECA, António M. Aging in place, envelhecimento em casa e na comunidade em Portugal. **Ciências e Políticas Públicas**, Lisboa, v. 6, n. 2, p. 21-39, 2020. DOI: 10.33167/2184-0644.CPP2020.VVIN2/pp.21-39. Disponível em: <https://doi.org/10.33167/2184-0644.CPP2020.VVIN2/pp.21-39>. Acesso em: 12 maio 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25ª. Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HO, Iris Szu-Szu et al. Examining the social networks of older adults receiving informal or formal care: a systematic review. **BMC Geriatrics**, Londres, v. 23, p. e531, 2023. DOI: 10.1186/s12877-023-04190-9. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12877-023-04190-9>. Acesso em: 25 maio 2026.

LIAO, Lulu et al. Experiences of older people, healthcare providers and caregivers on implementing person-centered care for community-dwelling older people: a systematic review and qualitative meta-synthesis. **BMC Geriatrics**, Londres, v. 23, p. e207, 2023. DOI: 10.1186/s12877-023-03915-0. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12877-023-03915-0>. Acesso em: 25 maio 2026.

OLIVEIRA, Rodrigo Mota de; OLIVEIRA, Luiz Carlos Souza de; PEREZ, Matheus dos Santos. Estratégias do aging in place que favorecem o envelhecimento saudável: revisão de escopo. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 29, supl., 2024. DOI: 10.22456/2316-2171.143214. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2316-2171.143214>. Acesso em: 10 maio 2026.

SÁNCHEZ-CAZALLA, Victoria; GUTIÉRREZ-DOMINGO, Tamara. Impact of intergenerational programmes on older adults for active ageing: a systematic review. **Archives of Gerontology and Geriatrics Plus**, Amsterdã, v. 2, n. 3, p. e100176, 2025. DOI: 10.1016/j.aggp.2025.100176. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.aggp.2025.100176>. Acesso em: 30 abr. 2026.

SAVINO, Michele et al. Intergenerational interventions and their impact on active aging: a systematic review. **International Psychogeriatrics**, Amsterdã, v. 38, p. e100142, 2026. DOI: 10.1016/j.inpsyc.2025.100142. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.inpsyc.2025.100142>. Acesso em: 1 maio 2026.

SHARIFI, Sina; BABAEI KHORZOUGH, Kimia; RAHMATI, Mahmoud. The association between intergenerational relationships and depression among older

adults: a comprehensive systematic literature review. **Archives of Gerontology and Geriatrics**, Amsterdã, v. 119, p. e105313, 2024. DOI: 10.1016/j.archger.2023.105313. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.archger.2023.105313>. Acesso em: 3 abr. 2026.

SILVERSTEIN, Merril; FINGERMAN, Karen L.; SUITOR, J. Jill. Intergenerational relationships and family support: evidence for health and well-being in studies supported by the National Institute on Aging. **The Gerontologist**, Oxford, v. 65, n. 3, p. gnaf003, 2025. DOI: 10.1093/geront/gnaf003. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/geront/gnaf003>. Acesso em: 25 abr. 2026.

TORABIAN, Maryam *et al.* The intergenerational relationship patterns between aging parents and their adult children. **Journal of Family Medicine and Primary Care**, Mumbai, v. 11, n. 9, p. 5464-5472, 2022. DOI: 10.4103/jfmpc.jfmpc_1972_21. Disponível em: https://doi.org/10.4103/jfmpc.jfmpc_1972_21. Acesso em: 10 maio 2026.

TRUJILLO-TORRES, Juan Manuel *et al.* Intergenerational learning and its impact on the improvement of educational processes. **Education Sciences**, Basileia, v. 13, n. 10, p. e1019, 2023. DOI: 10.3390/educsci13101019. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/educsci13101019>. Acesso em: 28 abr. 2026.

TSILONI, Evangelia *et al.* Psychosocial effects of intergenerational learning on primary school children and older adults: a systematic review. **Gerontology & Geriatrics Education**, Filadélfia, v. 45, n. 2, p. 289-322, 2024. DOI: 10.1080/02701960.2023.2189248. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02701960.2023.2189248>. Acesso em: 10 maio 2026.

WANG, Gubing *et al.* Co-designing community-level integral interventions for active ageing: a systematic review from the lens of community-based participatory research. **BMC Public Health**, Londres, v. 24, p. e649, 2024. DOI: 10.1186/s12889-024-18195-5. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-024-18195-5>. Acesso em: 15 maio 2026.

WHO. **Progress report on the United Nations Decade of Healthy Ageing, 2021-2023**. Geneva: World Health Organization, 2023. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240079694>. Acesso em: 12 maio 2026.

XIA, Shaoang *et al.* Youth health behaviors and their reverse intergenerational impact. **Frontiers in Psychology**, Lausanne, v. 16, p. e1631102, 2025. DOI: 10.3389/fpsyg.2025.1631102. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2025.1631102>. Acesso em: 10 maio 2026.

ZIESEMER, Nadine de Biagi Souza *et al.* Cuidadores de idosos: a percepção dos fatores que impactam sua qualidade de vida. **Revista Sítio Novo**, Palmas, v. 5, n. 3, p. 62-74, 2021. DOI: 10.47236/2594-7036.2021.v5.i3.62-74p. Disponível em: <https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/973>. Acesso em: 3 set. 2026.

Informações complementares

Descrição		Declaração
Financiamento		Não se aplica.
Aprovação ética		Não se aplica.
Conflito de interesses		Não há.
Disponibilidade dos dados de pesquisa subjacentes		O trabalho não é um <i>preprint</i> e os dados subjacentes a pesquisa estão disponíveis sob demanda dos pareceristas.
Uso de Inteligência Artificial		Sim. Foram utilizadas as ferramentas de inteligência artificial generativa Claude (Anthropic) e ChatGPT (OpenAI) como apoio auxiliar nas seguintes etapas: (1) revisão textual e aprimoramento da clareza e da coesão da escrita acadêmica, mediante submissão de trechos previamente redigidos pelas autoras para sugestões de melhoria; (2) apoio à formatação e à diagramação do quadro apresentado no trabalho incluindo o ajuste da disposição das informações para adequação ao espaço e à apresentação visual, cujo conteúdo (categorias e informações) foi integralmente definido pelas autoras a partir dos dados da pesquisa; e (3) elaboração de uma versão preliminar da tradução dos resumos para a língua inglesa (Abstract) e espanhola (Resumen), a partir do texto original em português, posteriormente conferida e corrigida pelas autoras. As ferramentas não foram utilizadas para coleta de dados, manipulação de imagens, análise dos relatos, produção autônoma de resultados, criação de citações ou elaboração de referências bibliográficas. Todas as sugestões geradas foram avaliadas, revisadas e validadas pelas autoras, que assumem integral responsabilidade pelo conteúdo final do manuscrito.
CrediT	Lucimar Moreira Simões	Funções: conceituação, análise formal, curadoria de dados, metodologia, visualização, redação - rascunho original, redação - revisão e edição.
	Rachel Vainzoff Katz	Funções: conceituação, análise formal, curadoria de dados, investigação, metodologia, redação - revisão e edição e validação.
	Rosamaria Rodrigues Garcia	Funções: conceituação, investigação, metodologia, administração do projeto, supervisão, validação, redação - revisão e edição.

Avaliadores: Dra. Urânia Flores da Cruz Freitas* (Universidade de Brasília. Distrito Federal, Brasília, Brasil) e Áurea Eleotério Soares Barroso* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, São Paulo, Brasil). O avaliador "A" optou pela avaliação fechada e pelo anonimato.

Revisora do texto em português, inglês e espanhol: Marina Lima Pompeu**.

Como citar:

SIMÕES, Lucimar Moreira; KATZ, Rachel Vainzoff; GARCIA, Rosamaria Rodrigues. Relações intergeracionais e promoção do cuidado às pessoas idosas nos territórios. **Revista Sítio Novo**, Palmas, v. 10, p. e2331, 2026. DOI: 10.47236/2594-7036.2026.v10.2331. Disponível em: <https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/2331>.

*Optou pela avaliação aberta e autorizou somente a divulgação da identidade como avaliadora no trabalho publicado.

** Conforme informado pelos autores e comprovado pelos documentos anexados ao sistema.